

Editorial

Sabedoria popular: literatura e religiosidade



*Arquivo recebido em
26/04/2016
e aprovado em
03/07/2016.*

V. 7 - N. 13 - 2017

A sabedoria popular é um dos produtos mais importantes dentre aqueles elaborados por uma determinada cultura. Reúne sua autocompreensão e sua visão de mundo às coisas práticas do cotidiano e a maneira de enfrentar os desafios que a vida oferece. É uma forma de saber viver a vida, não de maneira teórica, mas muito concreta, e tal saber vai sendo passado de geração em geração como sua maneira própria de entender as coisas do mundo e vivenciar os desafios da vida. Não é uma maneira erudita de dizer as coisas, nem um referencial de receitas de bem viver. É a for-

ma de os mais simples se reconhecerem como pessoas e sujeitos de suas próprias existências, e também de se organizarem como povo, com identidade própria e com um projeto de sociedade bastante elaborado. Por ser diferente da forma erudita de apresentar conhecimentos, fundamentos e referências, se expressa não em termos conceituais, mas em narrativas que traduzem suas experiências de vida.

Não raro, por isso mesmo, a literatura se tornou o lugar privilegiado de expressão desta sabedoria popular. Narrativas de origem, de mitos ou de lutas, ou simples histórias do cotidiano, são veículos não apenas transmissores, mas formadores de uma maneira própria de compreender e enfrentar o mundo, com os referenciais específicos de valores, formas e objetivos a serem buscados na vida. Mais claro isso se torna quando nos deparamos com a literatura popular, aqueles textos de histórias e poesias saídos da própria vivência das pessoas mais simples do povo. Temos sempre como que a necessidade de compreender o popular em distinção ao erudito. Algumas vezes, reconheçamos, a elaboração mais teórica é mais valorizada que uma elaboração mais prática, própria das classes populares. Algumas vezes se valoriza uma literatura mais elaborada, como que mais refinada, erudita, em detrimento de uma literatura mais rústica, mais simples, popular. No entanto, nada é mais próprio e original de determinada cultura que seus produtos mais populares, inclusive quando podemos falar de uma cultura efetivamente popular. As referências estéticas das classes populares são bastante próprias e singulares, assim como seus processos de elaboração de crenças, valores e formas de existência. Seus procedimentos literários também serão próprios, mais ao gosto da gente simples que às definições ou preferências eruditas. Nem por isso a literatura ou outras produções das classes populares serão inferiores a outras, apenas serão diferentes. A exigência será a de lê-las e compreendê-las dentro de seus princípios específicos, e não com uma escala de valores vinda de fora.

O mesmo acontece com os aspectos religiosos ou teológicos. Referimo-nos sempre a uma religiosidade popular e mesmo a uma teo-

logia popular, no sentido de vermos comportamentos ou compreensões religiosas que estão mais próximos das pessoas simples e pobres, praticamente incorporadas em sua existência, e que não são vividos da mesma maneira pelas pessoas mais eruditas, incluídos os agentes religiosos. Não raro há uma referência à religiosidade popular afirmando a necessidade de sua purificação, como se a religiosidade erudita fosse melhor, mais pura, pelo simples fato de ser erudita. A religião popular e mesmo sua teologia fazem parte do que chamamos de sabedoria popular, e por isso mesmo se insere, com todos os direitos e de forma essencial, em sua elaboração cultural. Mudar tais aspectos com a justificativa de purificação equivale a dizer que a cultura popular, na sua totalidade, precisaria ser purificada, afirmação feita, talvez, para atender aos gostos ou preferências dos dominadores de plantão. Na verdade, a religiosidade popular, e podemos alargar a afirmação para falar de sua literatura e de sua sabedoria, contêm e exprimem sua cultura própria, ainda que dominada e subjugada por outras; apresentam sua visão e compreensão de mundo e de humanidade, sua proposta de um jeito de viver a vida que é próprio da gente simples, e que talvez, por isso, não interesse nem possam ser aceitas pelos dominadores. Caso contrário, cessaria a dominação.

Não estamos distantes, aqui, da chamada “teologia del Pueblo”, que reapareceu com vigor no cenário teológico com a figura do Papa Francisco. Também não estamos distantes da teologia da inculturação que, chegando até nós pelos caminhos da África, ocupou grande parte da preocupação da conferência do Celam em Santo Domingo (1992). Estamos, sim, em pleno coração da opção preferencial pelos pobres, porque se dá não apenas atenção, mas privilégio ao que provém das camadas mais simples da população, as classes populares. Afinal, pensar uma teologia a partir da literatura popular, não escapa de seu referencial principal, o fato de ser popular. É verdade que isso nem é novidade em termos teológicos. Já a Escritura afirma que Deus está no meio do povo acompanhando sua história e seu desenvolvimento. Um Deus que se

afirma assim popular, pode ser compreendido a partir da forma como o povo vive sua vida nas diversas e diferentes dimensões que a compõem. Uma verdadeira teologia terá, então, características bem populares, em autêntica expressão de uma opção preferencial pelos mais simples.

Acrescente-se a isso a questão das culturas dominadas nos tempos atuais. Efetivamente há uma cultura que se pretende universal e que quer se sobrepôr às outras de maneira até violenta, desconhecendo-as ou negando-as. Assim, temos uma espécie de pasteurização de gostos e preferências, expressa, por exemplo, nas músicas, nas vestes e na comida. Quer-se produzir também uma pasteurização de valores e comportamentos que não questionem a ordem dominante, mas que docilmente justifiquem a submissão aos dominadores de plantão como sendo o melhor que se pode esperar da vida. Percebe-se aqui como a cultura popular tem, então, força de subversão, e como a literatura e a religião ou teologia popular têm força de resistência. As narrativas populares, seus heróis e mitos, a poesia popular com sua estética específica, assim como seus comportamentos de religiosidade, valorizados, revelam uma outra forma de compreender o mundo e a vida, manifestando um conhecimento e uma sabedoria que, se não estão nos textos ou referenciais clássicos e eruditos, estão no concreto do existir cotidiano. Trata-se de uma sabedoria vital.

Quando Teoliterária propõe um número sobre sabedoria popular, quer trazer ao debate acadêmico estas realidades todas, sobretudo a partir de sua proposta específica, a reflexão sobre teologias e literaturas. Pensar a teologia popular e também sua literatura é mais do que forma de contemplar a cultura popular, pois é recolocar o povo, a gente mais simples do povo, como seu referencial mais importante. Afinal, o conhecimento quer ajudar a humanidade a viver melhor, e isso se faz a partir dos pequenos e contemplando suas necessidades e realidades.

Atendendo a essa sensibilidade investigativa a edição da Teoliterária sobre Sabedoria Popular: Literatura e Religiosidade aborda diversas

perspectivas desta temática, porém dois personagens históricos são muito presentes no imaginário do sertanejo nordestino, Patativa do Assaré e Padre Cícero. O poeta cearense está presente no primeiro bloco de artigos temáticos. O texto A Poesia de Patativa do Assaré e a opção pelos pobres de Antonio Manzatto e Emerson Tavares apresentam o papel da poesia de Antônio Gonçalves da Silva, conhecido internacionalmente como “Patativa do Assaré”, como um dos mais autênticos e importantes representantes da cultura popular nordestina, poesia atenta ao sofrimento dos esquecidos do sertão nordestino. Nesse mesmo viés Patativa do Assaré: Teologia e Literatura Latino Americana à maneira do Povo de Alex Villas Boas e Darlene Silva apresenta como a poética patativiana constitui um exercício de ressignificação da Tradição católica em sintonia com a tarefa Conciliar do Vaticano II de atualizar o sentido e o significado da mensagem cristã ao mundo contemporâneo, especialmente como perspectiva teológica contextual que poetiza a páscoa do homem rude do sertão cearense para a doçura e o amargor do vivente que se encanta e sofre as cotidianidades da vida simples.

Também a abordagem de Cristiane Cobra trabalha com Ressignificação e Ortodoxia a partir da poesia e religiosidade do poeta cearense, como forma de contestação e resistência diante das desigualdades vivenciadas pelo seu grupo, que toma por referência a religiosidade cristã popular. A importância do poeta também permite delinear a literatura de folhetos nordestinos, gênero genuinamente brasileiro com suas características de oralidade e versificidade, como apresentam Sidnei Vares e Adriano Carvalho Viana em A Literatura de Folhetos Nordestinos e a Religiosidade Popular.

Em um segundo momento se evidencia a importância histórica do Padre Cícero na religiosidade contemporânea expressa na Literatura de Cordel, como intercurso de um ethos discursivo a partir de sua figura em A Figura de Padre Cícero na Literatura de Cordel: Interdiscurso e ethos de Ivanaldo da Silva Santos e Francisca Aline Dias. A figura do Padre Cícero também permite compreender a Apropriação dos Símbolos na di-

nâmica da Devoção Popular do Sertanejo Nordestino como apresentado por Wagner Lima Amaral.

Enriquece a reflexão sobre a sabedoria popular a leitura de um outro contexto como é o artigo de David Mesquiati de Oliveira e Kenner Roger Cazotto Terra, Sabedoria popular andina: provérbios Quéchuas.

Duas outras reflexões se propõe à partir de outros aspectos que interferem na elaboração de uma sabedoria popular. A primeira diz respeito a uma estética cotidiana neoliberal que se impõe como sedutora cultura de massa, mas não necessariamente popular, como se pode verificar no texto *Theological Aesthetics and Everyday Neoliberalism* de Peter Fritz. E a segunda é a reflexão sobre a imaterialidade da cultura, e com isso levanta a questão da espiritualidade da cultura, elemento fundamental para se pensar a elaboração de sabedorias em um povo, como apresenta o artigo *A presença da Teologia na Cultura: Uma interpretação sobre a Imaterialidade da Cultura* de Euler Westphal.

Na Sessão de Artigos livres há um leque de artigos que percorrem a literatura contemporânea, cinema, narrativas de redes sociais e releituras literárias de textos sagrados. No que diz respeito a literatura René Dentz apresenta *O Romance Caim* de José Saramago desde a Teologia Narrativa de Paul Ricoeur e José Wanderson Lima Lima Torres aborda *Cenas iniciáticas em Ulisses entre o amor e a morte*, de O. G. Rego de Carvalho. Enquanto narrativa cinematográfica, Valney Veras da Silva e Jose da Cruz Lopes Marques trabalham *A fé que oprime* em Ingmar Bergman: Considerações a partir de “Luz de Inverno” e “O Sétimo Selo”. E sobre as narrativas em redes sociais, Salma Ferraz e Camila Ambrosini analisam *O Evangelho segundo o Pastor Gaúcho: Um estudo dos paratextos presentes em suas Pregações no Facebook*. Por fim, Osvaldo Luiz Ribeiro propõe outra problematização de sentido que ressignifica o papel do leitor em “Yahweh é meu pastor. Não faltarei”. Uma proposta de tradução e interpretação para o Salmo 23.

Também a obra *Religião: crítica e criatividade* (2012) de Antonio

Carlos Magalhães, importante pesquisador brasileira em teopoética é analisada por Arnaldo Érico Huff Júnior e Marcelo Lopes.

Antonio Manzatto
Alex Villas Boas
Editores da Teoliterária

EDIÇÕES FUTURAS DA TEOLITERÁRIA

2017

Teoliterária - Edição Chile

Teoliteraria - Chile Edition

Ago./Dez. 2017 – vol. 7, no. 14

Submissão até 30 de SETEMBRO de 2017

Submission Deadline: September, 30, 2017

2018

Nomear Deus? Fronteiras em espirais de Hermenêutica e Complexidade

Naming God? Borders in spirals: Hermeneutics and Complexity

Jan./Jul. 2018 – vol. 8, no. 15

Submissão até 30 de ABRIL de 2018

Submission Deadline: April, 30, 2018

...

Teologia e Literatura Russa

Theology and Russian Literature

Ago./Dez. 2018 – vol. 8, no. 16

Submissão até 30 de SETEMBRO de 2018

Submission Deadline: September, 30, 2018